

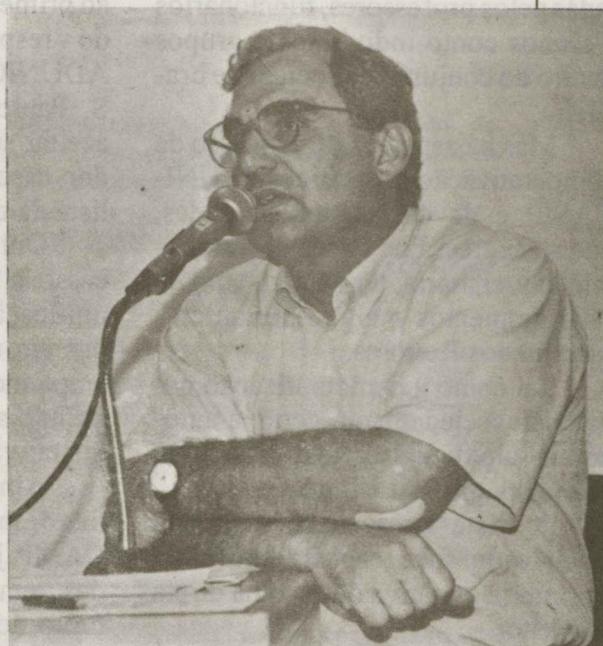
Publicação da Associação de Docentes da UNICAMP - Campinas - SP

SEGUNDO TURNO:

MARTINS X GALEMBECK

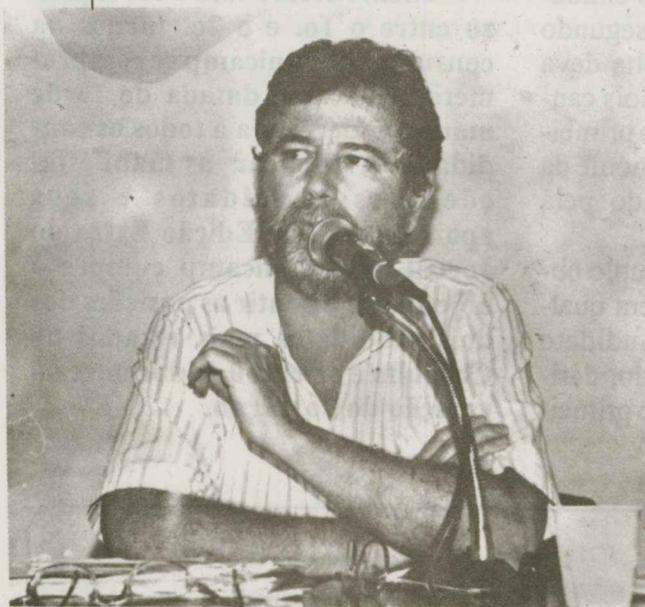
"Penso que é o momento de despolarizar da universidade, de promover o diálogo, de incentivar a participação, de envolver toda a comunidade na definição dos rumos a serem seguidos nos próximos quatro anos."

JOSÉ MARTINS FILHO



"Deverei servir a Unicamp criando condições para que todos os que aqui trabalham possam atingir a sua máxima realização intelectual, profissional, científica, tecnológica e artística em um ambiente de respeito e de crescimento humano."

FERNANDO GALEMBECK



POR QUE ELES QUEREM SER REITOR?

EDITORIAL

O processo de democratização da sociedade brasileira desde a "lenta abertura" do final do regime ditatorial reflete-se nas universidades, na UNICAMP em particular, de múltiplas formas.

A mais direta consiste nas liberdades democráticas de pensamento, de expressão e de organização política, associativa e sindical, conquistadas pelos professores, funcionários e alunos como indivíduos e grupos dentro do conjunto da sociedade brasileira.

Mas há aspectos do processo de democratização específicos da UNICAMP e de outras universidades, que se expressa na busca da autonomia universitária, tendo como um de seus momentos mais importantes a escolha dos Reitores.

Tal como a democratização política da sociedade em geral, a autonomia universitária tem sido uma conquista gradual e lenta.

A triste intervenção malufista na Unicamp foi a resposta autoritária à primeira tentativa de escolha direta do Reitor.

Nas renovações de Reitor que se sucederam vigorou um processo de consulta à comunidade em que o Conselho Universitário se compromete a auscultar a vontade da comunidade universitária, mas não necessariamente à endossá-la, e em que os governadores do Estado tem tendido a acatar o primeiro nome da lista enviada pelo Conselho, mas

lhes é resguardada a prerrogativa de não fazê-lo.

A força da consulta à comunidade tem repousado, assim, apenas no peso da própria manifestação, isto é, no desgaste político que resultaria a não observância de seus resultados.

Deve ser registrado como um avanço significativo desta última consulta o fato dos cinco candidatos ao primeiro turno haverem expressado - respondendo a uma pergunta da ADUNICAMP através da Folha de S. Paulo - o compromisso de não aceitar sua nomeação pelo governador caso não sejam o primeiro na lista da comunidade.

Outro avanço do presente processo, ainda que parcial, consistiu na unificação da grande maioria das urnas em um único local de votação, ampliando o sigilo do voto e diminuindo a pressão da máquina administrativa.

Ainda na linha deste processo de democratização, a ADUNICAMP, junto com as demais entidades, tem defendido que no segundo turno do processo de consulta deva constar apenas o nome dos dois candidatos mais bem votados no primeiro turno, alçando a primeiro nome da lista um candidato aprovado pela maioria da comunidade.

Esta proposta tem um duplo objetivo. Primeiro, tal como em qualquer eleição, definir o candidato mais representativo. Segundo, derivado do primeiro, conferir ao primei-

ro nome da lista um peso político ainda maior, remetendo ao Conselho Universitário e ao governador uma ordem mais inequívoca, mais dificilmente ignorável.

Neste aspecto, a presente consulta configurou um outro avanço, quando os três últimos candidatos da lista da primeira consulta renunciaram coletivamente à sua candidatura. Temos, na prática, um segundo turno com dois nomes.

A Comissão Eleitoral, com base na deliberação do CONSU que estabeleceu para o segundo turno a lista dos três candidatos mais votados, manteve o nome do Prof. Francisco Reis na cédula. Esta decisão, na medida que desconsidera as renúncias, fere um direito legítimo que compete unicamente aos candidatos, criando ainda confusão para o eleitor. A Adunicamp entende que, tendo o Prof. Francisco Reis retirado sua candidatura, o voto em seu nome é, na prática, inválido.

N.R.: Mesmo com o curto prazo entre o 1o. e o 2o. turnos da consulta, a Adunicamp se comprometeu em carta datada de 18 de março, endereçada a todos os candidatos, a publicar as manifestações dos candidatos e seus apoiadores. Esta Edição Extra do Jornal da Adunicamp cumpre o objetivo de discutir as posições dos dois candidatos mais votados na Consulta e orientou os docentes na votação do 2o. turno.

EXPEDIENTE

Diretoria

José Ricardo Figuelredo - Presidente
 Ítala D'Ottaviano - 1º Vice-Presidente
 João Wanderley Geraldi - 2º Vice-Presidente
 Michel Sadalla Filho - 1º Secretário
 Reinaldo Camargo Rigitano - 2º Secretário
 Marcela Haun - 1º Tesoureiro
 Elias Basile Tambourgi - 2º Tesoureiro
 Carlos Fernando de Andrade - Diretor Administrativo
 Helena Costa Lopes de Freitas - Diretor de Imprensa
 Helena Jank - Diretor Cultural

Jornal da Adunicamp Edição Extra

Março/1994
 Jornalista Responsável:
 Márcia Maria C. M. Fantinatti - MTB 22.521
 Serviços Técnicos:
 Amilton J. T. Magalhães
 Fotos:
 Mário Camargo / STU
 Tiragem: 2.500 exemplares
 Distribuição Gratuita

Adunicamp - Associação de Docentes da Universidade Estadual de Campinas

Por que quero ser Reitor?

Fernando Galembeck

Quero ser Reitor porque esta é uma posição privilegiada para fazer ainda mais e melhor o que fiz durante toda a minha vida profissional: trabalhar com muitas pessoas, produzindo educação, ciência, tecnologia e cultura para o povo brasileiro.

Como Reitor, o perfil das minhas atividades deverá ser muito diferente do que foi até aqui, como professor, pesquisador, dirigente de sociedades científicas, dirigente universitário e de órgãos de fomento, editor e conselheiro de revistas científicas, consultor científico de empresas e inventor.

Como Reitor, deverei servir a Unicamp criando condições para que todos os que aqui trabalham possam atingir a sua máxima realização intelectual, profissional, científica, tecnológica e artística em um ambiente de respeito e de crescimento humano.

Um reitor pode realizar muito, pessoalmente. Entretanto, dado o tamanho e a qualidade da nossa comunidade universitária, nenhuma realização pessoal do reitor pode superar tudo o que professores, alunos e funcionários podem conseguir, dentro de um sistema que estimule, apóie, catalise e ampare as suas atividades, trabalhando para remover as múltiplas dificuldades que tornam difícil o dia-a-dia dos que trabalham na Unicamp.

O que pretendo fazer como Reitor:

Pretendo reduzir a centralização de poder em torno do reitor, seja promovendo mudanças no Conselho Universitário que façam dele o grande centro de deliberações e o fóro de discussões que deveria ser, seja promovendo um aperfeiçoamento da administração, para que esta atinja altos padrões de eficiência e de capacidade de resposta positiva às necessidades do ensino, da pesquisa e da extensão, seja descentralizando tarefas e poder de decisão. A administração deverá ser transparente, bem como as suas contas. Deveremos trabalhar na elaboração de políticas explícitas de desenvolvimento da universidade, de recursos humanos, de ensino, pesquisa e extensão

e de uso da área física. Estas políticas deverão ser definidas de forma aberta e participativa, eliminando os casuísmos decisórios da vida da universidade. Os comportamentos da reitoria serão éticos e respeitosos para com as pessoas, as instâncias constituídas e os órgãos e entidades representativos da comunidade universitária.

"Quero ser Reitor porque esta é uma posição privilegiada para fazer ainda mais e melhor o que fiz durante toda a minha vida profissional: trabalhar com muitas pessoas, produzindo educação, ciência, tecnologia e cultura para o povo brasileiro."

Pretendo promover um maior engajamento do corpo docente nas atividades de ensino de graduação, seja através da avaliação e reconhecimento da qualidade do seu trabalho didático, seja através da melhoria da infraestrutura dentro da qual este trabalho é exercido. É preciso continuar progredindo na oferta de mais cursos e vagas, evitando repetir erros recentes. A pesquisa e a pós-graduação deverão receber um maior apoio institucional, promovendo-se projetos de grande alcance, que reúnam equipes numerosas e de alta qualidade, perseguindo objetivos ambiciosos, relevantes e que contribuam para a qualidade de vida e a cultura no país.

O padrão do relacionamento da Unicamp com a sociedade deverá ser enriquecido, seja através do engajamento em projetos com organizações comunitárias e não-governamentais, órgãos do poder público regional e local, sindicatos e outras associações, seja através da manutenção dos laços positivos com empresas públicas e privadas. Além dis-

so, a administração da universidade deverá trabalhar para garantir a sua participação institucional nos grandes centros de decisão de políticas educacionais, de ciência e tecnologia, culturais e de outras políticas públicas. Finalmente, deveremos trabalhar para que a Unicamp se converta em um exemplo de serviço público profissional, competente e respeitado, e em um exemplo de prática tecnológica e cultural contemporânea e de alto nível, no seu dia-a-dia. Construir estes exemplos através da vida nos nossos campi é uma das maiores contribuições que podemos fazer para o nosso país.

Fernando Galembeck é professor do Instituto de Química/Unicamp.



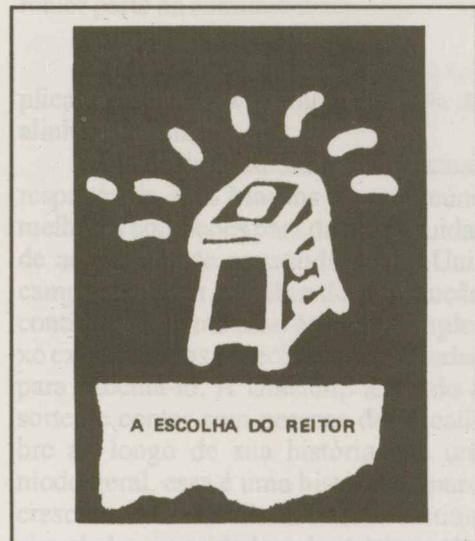
Galembeck: razão do meu voto

Hermano Tavares

Qualquer processo eleitoral desencadeia uma série de considerações do eleitor. As mais óbvias delas são as que se fazem sobre a pessoa dos candidatos, a capacidade e qualidade do seu trabalho. Ficamos também atentos às propostas e projetos presentes em seu programa.

"Gostaria de destacar aqui é que, além de pesquisador e docente, sua respeitabilidade acadêmica resulta também de atuações nas áreas de política científica e na política de ensino de graduação e pós-graduação."

Vou votar no candidato Galembeck pela conjugação destes fatores. Conheço e admiro o itinerário de vida de Fernando Galembeck. Uma pessoa de trato cordial, marcada por traços extremamente positivos, que incluem, por exemplo, a capacidade de ouvir com respeito e atenção os seus interlocutores, a tranquilidade de reações, a inteligência, a sensibilidade para detectar problemas e a segurança para decidir sobre questões complexas.



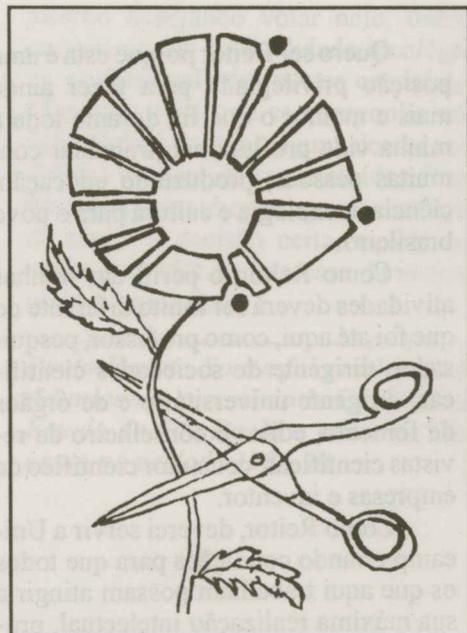
Acompanho a história acadêmica de Galembeck há muitos anos. É de conhecimento público o seu valor de pesquisador e docente na área da química. Mas gostaria de destacar aqui é que, além de pesquisador e docente, sua respeitabilidade acadêmica resulta também de atuações nas áreas de política científica e na política de ensino de graduação e pós-graduação. Em outras palavras, longe de comportar-se como um cientista encastelado em seus altos saberes, Fernando Galembeck tem o que dizer - porque refletiu e praticou - sobre a graduação, sobre a pós-graduação, sobre biblioteca universitária, sobre utilização de verbas públicas, sobre a oportunidade de convênios. Por tudo isso, é capaz de desenvolver o programa que pretende cumprir como Reitor, e, em consequência, alimenta nossas esperanças de ver a Unicamp assumir características que a comunidade universitária considera vitais. Temos uma história que não pode ser renegada sob o pretexto apelativo e enganoso de que os tempos são novos e outros. É verdade que mudamos e precisamos mudar, adaptando-nos às conjunturas. Mas não podemos deixar deteriorar os fundamentos de nossas práticas históricas:

- a liberdade de pesquisa e expressão
- o respeito às diferenças
- o diálogo constante, atravessado por convergências e divergências, sobre os nossos destinos

"Voto em Galembeck porque desejo que a Unicamp dê certo. E tenho boas razões para isso."

Voto em Galembeck porque desejo que a Unicamp dê certo. E tenho boas razões para isso.

Hermano Tavares é professor da Faculdade de Engenharia Elétrica/Unicamp. Foi presidente da Adunicamp, na gestão 1985-87.



Porque quero ser reitor

José Martins Filho

A associação de docentes coloca ao candidato as perguntas óbvias e fundamentais: por que quer ser reitor e o que pretende fazer, se escolhido para a função. Questiona, no fundo, sobre o sentido da candidatura.

Em sua aparente singeleza, as perguntas exigiriam respostas complexas que dificilmente caberiam num artigo apressado. No entanto, é isso o que objetivamente se requer, posto que o pedido do artigo chegou-me às mãos no último dia 21, com a solicitação para que o entregasse para publicação no dia 24 seguinte. Em outras palavras, recebi o pedido na véspera do início da consulta, momento em que naturalmente se sobrecarregava a agenda do candidato, tendo de entregá-lo no dia imediatamente subsequente à votação. Não vai nessa observação nenhuma crítica à associação. Compreendo seu interesse em contribuir para a informação da comunidade. Registro apenas que, à semelhança do que ocorreu com os debates, por sua própria estrutura e pelas limitações de tempo, a contribuição dos artigos à formação das opiniões será provavelmente menor que a desejável.

"Conquanto seja decisivo o aspecto programático, é preciso que as idéias apresentadas tenham a sustentá-las um candidato cuja história de participação na vida político-institucional da universidade confira credibilidade às diretrizes que defende."

Há diferentes maneiras, igualmente sérias, de procurar responder às perguntas postas pela associação. Uma delas, talvez a mais refletida e na minha opinião a mais profícua, encontra-se no Programa apresentado à comunidade. Nele, docentes, funcionários e estudantes encontram um conjunto estruturado de razões e uma ampla gama de objetivos que deixam claro o sentido da candidatura, ao mesmo tempo que indicam

o que se pretende realizar e de que maneira se pensa fazê-lo. Aproveito, pois, a oportunidade para conclamá-los a lê-lo, refletir sobre ele, comparar com os demais postulantes. Creio que, na verdade, essa é a melhor maneira de formar opinião e decidir responsabilmente sobre quem apoiar neste momento. De fato, nada substitui o teor afirmativo do documento programático.

Penso que meu Programa expressa bem minha concepção dos objetivos maiores pelos quais defendo a autonomia da Universidade, mostrando claramente como tal concepção está fundada numa nítida noção da responsabilidade que, como instituição, temos para com a sociedade que nos mantém. É essa responsabilidade social que deve nortear a busca da excelência acadêmica e da relevância de nossa produção científica, de nossas atividades de extensão e da prestação de serviços à comunidade. No Programa, indico também claramente como pretendo enfrentar a questão dos meios que possibilitarão atingir aquelas metas, desde o plano da busca de recursos estatais e societários até o dos procedimentos administrativos internos voltados para o aprofundamento consequente da eficiência da administração. Desburocratização, agilidade e transparência na tomada de decisões, melhoria constante da qualidade de nossos recursos humanos e da infraestrutura colocada à disposição dos que trabalham, estudam ou recebem serviços extensionais da UNICAMP, são alguns dos elementos de uma política voltada para melhorar substantivamente as condições de trabalho e o funcionamento administrativo. Mas o Programa não se restringe ao binômio Excelência Acadêmica e Eficiência Administrativa. Diálogo e Participação constituem igualmente elementos programáticos essenciais porque dizem respeito ao modo de funcionamento concreto da vida político-institucional da universidade. Quando se escolhe um reitor escolhe-se também um estilo de administrar e um estilo de convivência político-institucional. Respeitada a especificidade das instâncias institucionais, é preciso estabelecer o diálogo nos mais diversos planos, inclusive com as associações representativas dos diferentes segmen-

tos da comunidade, até mesmo como forma de realimentar os debates nos órgãos de tomada de decisão. Esse é um dos traços distintivos que pretendo imprimir a minha administração se, como espero, voltar a receber no segundo turno a votação consagradora com que a comunidade me honrou na primeira fase da consulta.

Conquanto seja decisivo o aspecto programático, é preciso que as idéias apresentadas tenham a sustentá-las um candidato cuja história de participação na vida político-institucional da universidade confira credibilidade às diretrizes que defende. Como todos sabem, estou na UNICAMP desde praticamente a sua fundação. Ao lado de uma carreira acadêmica produtiva de que me orgulho muito, ocupei com independência diversos cargos de liderança e representação acadêmica e exerci com um estilo muito conhecido as mais diversas funções político-administrativas. Para dizer objetivamente, a experiência e o conhecimento adquiridos ao longo desses anos diferenciam-me bastante de meus opositores na conjuntura sucessória. Em outras palavras, isso significa que minha candidatura não é algo ocasional e extemporâneo, mas uma consequência natural de minha história na UNICAMP. Na verdade, ela culmina um passado de iniciativas em prol da construção institucional de nossa universidade e ultrapassa de longe a mera ambição pessoal ou interesses particulares de grupos ou setores da comunidade.

Penso que é o momento de despolarizar da universidade, de promover o diálogo, de incentivar a participação, de envolver toda a comunidade na definição dos rumos a serem seguidos nos próximos quatro anos. Para tanto, é preciso que nos conscientizemos todos de que o próximo reitor precisa ser alguém capaz de unir a comunidade universitária em torno dos objetivos maiores da instituição. Sou candidato a reitor sobretudo porque acredito que tenho condições de desenvolver esse projeto.

José Martins Filho é professor da Faculdade de Ciências Médicas/Unicamp.

Porque apóio Martins

Paulo Renato Souza

Fui reitor da Unicamp durante quatro anos e deixei amigos em todos os quadrantes da Universidade. Mas antes de ser reitor fui professor e, sobretudo, fui presidente da Adunicamp. Vivi o duro período da intervenção de 1981 e vivi também intensamente os anos que se seguiram, quando a Unicamp amadureceu institucionalmente e se tornou, finalmente, a Universidade que é, respeitada muito além das fronteiras do Brasil. Posso dizer, portanto, que conheço muito bem a nossa instituição.

"Os demais candidatos são pessoas respeitáveis, mas Martins é o que reúne melhores condições para dar continuidade ao projeto de consolidação da Unicamp, que é um trabalho de construção contínua."

Desde que se esboçou o quadro sucessório prestes a chegar a seu termo, jamais tive a menor dúvida quanto à minha escolha: sempre achei que o melhor candidato era José Martins Filho. Nunca tive qualquer dúvida a respeito. E, considerado o resultado do primeiro turno da consulta, vejo com satisfação que meu pensamento em nada difere da maior parte da comunidade da Unicamp.

Por quê Martins?

Dentre as inúmeras razões que explicam essa minha escolha, gostaria de alinhar algumas.

Os demais candidatos são pessoas respeitáveis, mas Martins é o que reúne melhores condições para dar continuidade ao projeto de consolidação da Unicamp, que é um trabalho de construção contínua. Esse trabalho árduo e complexo exige pessoas especialmente talhadas para executá-lo. A Unicamp tem tido a sorte de contar com pessoas desse calibre ao longo de sua história. De um modo geral, essa é uma história de puro crescimento e amadurecimento institucional. A comunidade universitária sabe

disso e sabe também que, nesse caso, não se deve arriscar o certo pelo duvidoso.

Martins é pessoa justa para assumir essa responsabilidade histórica. Conheço-o há muito tempo e sei que suas qualificações para ser um grande reitor não vêm de agora. Poucas pessoas vivenciaram como ele a experiência da Unicamp. Ele é um daqueles raros que, tendo vivido todos os momentos cruciais da Unicamp e percorrido todos os seus mecanismos institucionais, sabem tudo sobre a Universidade. Por isso ele será capaz de compreender melhor os seus problemas e tomar decisões mais rápidas e mais justas.

Nunca o vi recusar qualquer proposta de diálogo. Isso não é apenas uma característica do bom administrador, mas também uma prova de humanidade. Numa época de ânimos enrijecidos, essa virtude me parece essencialíssima. É preciso que o administrador - enfim, o reitor! - saiba que está lidando não apenas com projetos, equipamentos, laboratórios e prédios, mas principalmente com pessoas. E para isso é preciso ter a paixão do diálogo e o respeito pela pluralidade das idéias. E se me perguntarem quem, dos candidatos que se apresentaram, tem maior aptidão para escapar das verdades unilaterais e aproximar os contrários, eu não teria a menor dúvida em dizer que é José Martins Filho.

"Ele é um daqueles raros que, tendo vivido todos os momentos cruciais da Unicamp e percorrido todos os seus mecanismos institucionais, sabem tudo sobre a Universidade."

Todas essas qualidades têm a ver com capacidade administrativa, mas também com competência política. E têm a ver, sobretudo, com as qualidades do caráter e as virtudes do temperamento. Compreendo aqueles que sempre admiraram essas qualidades em Martins e,

mesmo desejando votar nele, tinham compromissos de fidelidade ideológica ou profissional com outros candidatos. Mas quer a lei que se componha uma lista tríplex da qual alguns desses candidatos tiveram de ser excluídos. Também para esses chegou agora o momento de tomar a decisão certa, aquela que melhor atender ao interesse da instituição e da sociedade.

Paulo Renato Souza foi presidente da Adunicamp, secretário da Educação do Estado de São Paulo e reitor da Unicamp no período 1986-90.

**MUDAR OS ESTATUTOS
E EXIGIR:**



**EM DEFESA DA
AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA**

ASSOCIAÇÃO DE DIRIGENTES DA UNICAMP
adunicamp

Martins e Galembek na reta final

A comunidade universitária acompanhou atente os desdobramentos do 1o. turno da Consulta para Reitor. No dia 28/03, os candidatos colocados em 3o., 4o. e 5o. lugar, encaminharam carta à Comissão de Consulta do Consu, solicitando a não inclusão de seus nomes na cédula eleitoral do 2o. turno.

Em reunião antecipada para o dia 28/03 (a data inicial era 30/03), a Comissão examinou o pedido e decidiu, por voto de minerva de seu presidente, não aceitar tal solicitação, mantendo o 3o. nome na lista.

A Adunicamp considera que a decisão dos três candidatos, vem ao encontro

de uma reivindicação histórica da comunidade da Unicamp por eleições diretas para Reitor. A Comissão de Consulta, ao recusar a solicitação dos candidatos, fere seus direitos individuais, causando enorme descontentamento na comunidade e confusão no processo eleitoral.

Campinas, 26 de março de 1994.

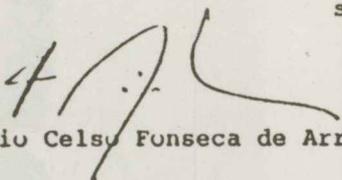
À
Comissão de Consulta à Comunidade
CONSU - UNICAMP

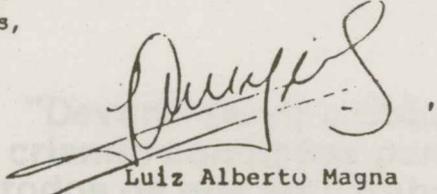
Prezados senhores,

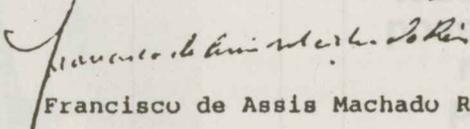
Nós, abaixo-assinados, candidatos à reitoria da UNICAMP, tendo participado do primeiro turno da consulta promovida pelo Conselho Universitário e tendo cumprido nosso papel de expor à comunidade universitária nossas propostas, nossos pontos de vista e nossas críticas aos métodos utilizados rotineiramente pela atual administração, consideramos, por princípio, que o segundo turno desta consulta deve ser entre dois candidatos. Assim, renunciamos a nossas candidaturas, e em consequência solicitamos a exclusão de nossos nomes da nominata da cédula de consulta do segundo turno.

Evidentemente, a renúncia de nossas candidaturas não significa que deixaremos de defender propostas e críticas que, no decorrer da campanha, tornamos públicas e continuaremos a defender nos foros da Universidade. As oposições, unidas neste momento, têm a oportunidade histórica de mudar a estrutura de poder da UNICAMP, rompendo com a cadeia de sucessões que têm mantido nas mesmas mãos a alta administração da Universidade. Os números mostram que a atual reitoria, mesmo usando de maneira inescrupulosa a máquina administrativa, não conseguiu o seu objetivo. Unidos na oposição, conclamamos a todos que nos honraram com seu voto a continuarem na luta pela construção da democracia na UNICAMP.

Na certeza de que contaremos com a participação de todos neste processo de renovação, subscrevemo-nos apresentando nossas saudações,


Antônio Celso Fonseca de Arruda


Luiz Alberto Magna


Francisco de Assis Machado Reis



Recebi o original
